



UC/FPCE—2013

Universidade de Coimbra
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

Estilos e Preocupações Parentais: estudo numa amostra de cuidadores de crianças em Intervenção Precoce na Infância

Nádia Costa (e-mail: nadia.srcosta@gmail.com)

Dissertação de Mestrado em Psicologia da Educação, do Desenvolvimento e do Aconselhamento sob a orientação de Professora Doutora Maria Teresa de Sousa Machado

Estilos e Preocupações Parentais: estudo numa amostra de cuidadores de crianças em Intervenção Precoce na Infância

Resumo

Esta investigação teve como objectivo estudar os estilos e preocupações parentais numa amostra de cuidadores de crianças acompanhadas pelo Sistema Nacional de Intervenção Precoce. Para o efeito, foram definidos alguns objectivos e levantadas questões que direccionassem a investigação. No estudo foi utilizado um questionário sociodemográfico, a Escala de Preocupações Parentais (Algarvio, Leal, & Maroco, 2009) e o Questionário de Estilos e Dimensões Parentais (Robinson, Mandleco, Olsen & Hart, 2001; versão portuguesa de Miguel, Pires Valentim & Carugati, 2010). A amostra contemplou 193 cuidadores de crianças entre os 0 e os 6 anos, de entre as quais 59,6% são do sexo masculino e 40,4% do sexo feminino. Os resultados indicam que os pais do grupo de Intervenção Precoce (IPI) utilizam mais o estilo permissivo e a punição, comparativamente com o grupo de comunidade. Os pais de IPI utilizam mais a regulação à medida que idade da criança aumenta. Constatou-se também que quanto maior a escolaridade deste cuidadores, menor a utilização da punição, do estilo autoritário e da hostilidade verbal.

Palavras-chave: Parentalidade, Intervenção Precoce na Infância, Estilos Parentais, Preocupações Parentais.

Parenting styles and concerns: a study in a sample of children's caregivers in Early Childhood Intervention

Abstract

This research has as a goal to study the concerns and parenting styles, within a sample of children's caregivers followed by Early Childhood Intervention Services. For this purpose, we set some goals, and raised questions that will guide this investigation. In the study was used a demographic questionnaire, the Parental Concerns Scale (Algarvio, Leal, & Maroco, 2009) and Styles and Dimensions Questionnaire Parenting (Robinson, Mandleco, Olsen & Hart, 2001; Portuguese Version by Miguel Pires Valentine & Carugati 2010). The sample included 193 caregivers of children between 0 and 6 years, among which 59.6% were male and 40.4%

female. The results indicate that parents from the Early Intervention group use more permissive parenting style and punishment, compared with the community group. It appears that those parents use more regulation as the child's age increases. It has also been found that the higher is the education that those caregivers have, the lower they would use punishment, authoritarian parenting style and verbal hostility.

Key Words: Parenting, Early Childhood Intervention, Parenting Styles, Parenting Concerns.

Agradecimentos

À Professora Doutora Maria Teresa de Sousa Machado pela orientação e ensinamento ao longo deste ano, mas também ao longo do meu percurso académico, que contribuíram para o meu crescimento a nível pessoal e profissional.

À Subcomissão de Coordenação Regional Centro do SNIPI no nome dos Doutores Rosa Maria Tavares, José Correia Lopes e Frederico Duque, pela disponibilidade que possibilitou a realização deste estudo.

Aos Doutores Susana Algarvio, Isabel Leal, João Maroco, Isabel Miguel, Joaquim Pires Valentim e Felice Carugati pela cedência das escalas utilizadas neste estudo.

A todas as técnicas do Sistema Nacional de Intervenção Precoce que colaboraram na distribuição dos questionários às famílias.

À Sr.^a Directora do Agrupamento de Escolas de Penacova Dr.^a Ana Clara Almeida e ao Sr. Subdirector Prof. Dr. Sérgio Godinho pela disponibilidade e prestabilidade.

Às famílias que aceitaram colaborar neste estudo, para que no futuro se pudesse ajudá-las ainda mais nesta sua caminhada.

Ao Professor Doutor José Manuel Tomás da Silva, ao Pedro Belo e à Alice Morgado, por todo o apoio que me foi dado nestes últimos meses.

Não menos importante, aos meus pais a quem devo tudo, por serem a minha base e a minha força em todos os momentos da minha vida.

Ao meu irmão por me “obrigar” a dar o exemplo e por sempre acreditar em mim.

Ao Tiago por todo o amor, encorajamento e palavras sábias, sem os quais teria fraquejado.

Aos meus amigos de sempre, e aos que há cinco anos embarcaram nesta viagem comigo. Um especial obrigada à Marlene, à Carolina, à Elsa e à Leonor por terem tornado esta última etapa mais fácil.

Índice

1. Introdução.....	p.3
2. Enquadramento conceptual.....	p.5
2.1. <i>Parentalidade</i>	p.5
2.2. <i>Estilos Parentais</i>	p.13
2.3. <i>Preocupações Parentais</i>	p.16
3. Objectivos.....	p.18
4. Metodologia.....	p.18
4.1. <i>Descrição da amostra</i>	p.18
4.2. <i>Materiais/instrumentos</i>	p.21
4.3. <i>Procedimento</i>	p.23
5. Resultados.....	p.23
6. Discussão.....	p.28
7. Conclusões.....	p.32
8. Bibliografia.....	p.34
9. Anexos.....	p.38

Lista de Siglas e Abreviaturas

AGD – Atraso Global de Desenvolvimento

EPP – Escala de Preocupações Parentais

IPI – Intervenção Precoce na Infância

QEDP – Questionário de Estilos e Dimensões Parentais

SNIPI – Sistema Nacional de Intervenção Precoce

Lista de Tabelas

Tabela 1. Distribuição da amostra quanto ao grupo.

Tabela 2. Distribuição da amostra quanto ao género da criança

Tabela 3. Distribuição da amostra quanto ao preenchimento do protocolo

Tabela 4. Distribuição da amostra quanto à idade dos progenitores

Tabela 5. Distribuição da amostra quanto à idade das crianças

Tabela 6. Distribuição da amostra quanto à escolaridade do pai

Tabela 7. Distribuição da amostra quanto à escolaridade da mãe

Tabela 8. Consistência interna QEDP

Tabela 9. Consistência interna EPP

Tabela 10. Teste de *Kruskal Wallis*

Tabela 11. Teste de *Mann-Whitney*

Tabela 12. Teste *t student* para amostras independentes - Comunidade/ IPI global

Tabela 13. Teste *t student* para amostras independentes- Género da criança - IPI global

Lista de Figuras

Figura 1. – “Activities that are necessary and sufficient for 'good enough parenting'" (Hoghughi, 2004).

Figura 2- Pré-requisitos da parentalidade (Hoghughi, 2004).

Figura 3- Modelo dos Determinantes do Comportamento Parental (Belsky, 1984).

Introdução

O presente estudo pretende analisar as preocupações e os estilos parentais de cuidadores de crianças acompanhadas pelo Sistema Nacional de Intervenção Precoce na Infância (SNIPI). A escolha deste tema surgiu por se verificar uma escassez de estudos sobre as repercussões dos estilos parentais no desenvolvimento da criança, em amostras pais/crianças em IPI. É, no âmbito da Intervenção Precoce na Infância (IPI), de enorme relevância conhecer as percepções dos cuidadores sobre os estilos parentais a que recorrem, e preocupações que mais frequentemente têm acerca do comportamento/desenvolvimento dos seus filhos, com o intuito de planear intervenções mais directamente focalizadas às preocupações e atitudes destes pais, sabendo que as preocupações parentais influenciam o comportamento parental (Castro, S., 2012). Acresce o interesse em avaliar a eventual diferença ou concordância entre ambas as variáveis entre famílias em IPI e famílias de comunidade.

Foram excluídos deste estudo cuidadores de crianças que cumprissem o critério 1.2. de elegibilidade do SNIPI, que consiste em condições específicas, baseadas num diagnóstico associado a atraso do desenvolvimento, entre outras (SNIPI, 2009). Dentro da amostra em IPI, subdividiram-se os casos em que as crianças apresentam atraso global de desenvolvimento (AGD), por poder acarretar uma maior preocupação por parte dos cuidadores, comparativamente com uma criança que, por exemplo, apresente “apenas” um atraso de linguagem.

Lampard, Byrne, Zubrick, & Davis (2008) sugerem que as preocupações levarão a alterações no comportamento, no sentido de as colmatar, como por exemplo, promover práticas mais saudáveis em crianças obesas, quando a preocupação é exactamente o excesso de peso da criança e as implicações na sua saúde. Por outro lado, é possível que as preocupações promovam um comportamento controlador ou práticas parentais restritivas. O *stress* parental pode também ser uma consequência de preocupações excessivas relativamente ao desenvolvimento da criança (Voigt et al., 2009, citado por Castro, 2012). Contrariamente, “considerando a preocupação parental como um cuidado para com a criança, a ausência de preocupação pode reflectir baixos padrões de cuidados parentais” (Castro, 2012, p.21).

Quando associadas a práticas controladoras, as preocupações parentais “influenciam negativamente as competências sociais e a independência da criança” (Castro, 2012, p.22).

Os profissionais de saúde que trabalham com a família beneficiam ao conhecer as preocupações dos cuidadores, pois desta forma têm a oportunidade de definir o melhor tipo de intervenção, por forma a promover um desenvolvimento normal, confiança, encaminhamento e controlo da rotina (Glascoe, 1999, citado por Castro, 2012). Este estudo vem contribuir para a importância do conhecimento das preocupações parentais, que, ao serem compreendidas pelos profissionais de saúde, neste caso, pelos técnicos de IPI, se transformarão num importantíssimo determinante da satisfação parental para com o serviço, juntamente com uma boa comunicação e a recepção de informação (Hasnat & Graves, 2000; Restall & Borton, 2010, citados por Castro, 2012). É então importante que os pais sintam que as suas preocupações estão a ser consideradas pelos profissionais (Farrell et al., 2003, citado por Castro, 2012). Ainda no trabalho de Castro (2012) é referido que, de acordo com Glascoe e Dworkin (1995), é possível detectar precocemente (em situações de cuidados primários) problemas comportamentais e de desenvolvimento, conjugando relatórios parentais padronizados e as suas preocupações.

O conhecimento dos estilos parentais pode ser também uma mais-valia a nível de intervenção, uma vez que ao obter informações individualizadas acerca das práticas parentais de cada cuidador (e.g. pai e mãe), possibilita informá-los acerca das estratégias mais adequadas, adaptando-se à necessidade de cada família (Rinaldi & Howe, 2012). Ermisch (2008) defende que uma melhor parentalidade na primeira infância, em termos de actividades educativas e de um estilo parental mais estruturado, contribui para o sucesso ao longo da vida da criança. O comportamento da criança é também um factor importante e, em crianças com problemas de desenvolvimento, as características precoces de comportamento podem resultar em consequências que vão para além da forma como os outros interagem com a mesma. Assim, a prevenção de problemas comportamentais em crianças pequenas é predita na identificação eficaz das necessidades da criança e no posterior fornecimento de serviços

direccionados para o colmatar das mesmas (Scarborough, Hebbeler, Spiker, & Simeonsson, 2006).

I – Enquadramento conceptual

Parentalidade

A importância do papel dos pais na forma como os seus filhos se desenvolvem é assinalada por diversos autores no entanto, debruçemo-nos sobre Hoghughi (2004) e o seu modelo integrativo dos elementos teóricos da parentalidade, criado com base nos trabalhos de Bronfenbrenner (1979) e Belsky (1984) (Barroso & Machado, 2010). Segundo Hoghughi (2004), a parentalidade pode ser definida como “purposive activities aimed at ensuring the survival and development of children” (p.5). O autor fala-nos de uma “sociedade parental” (p.6), no sentido em que a parentalidade é a preocupação mais universal da sociedade, transpondo culturas, religiões, classes socioeconómicas e gerações. Refere ainda que outros membros da família (e.g. irmãos, tios), mesmo não tendo filhos, participam em actividades parentais. Assim sendo, a parentalidade não pressupõe apenas uma relação biológica, no entanto, e geralmente, envolve as crianças, os pais e outros membros da família, em interacções, ao longo da vida (Hoghughi, 2004). Hoghughi considera ainda que os processos parentais podem ser definidos como “actividades especificamente destinadas a promover o bem-estar da criança” (Hoghughi, 2004, p.6). Estes estão divididos em actividades parentais, áreas funcionais e pré-requisitos, que, juntos, determinam a capacidade e competência parental.

As actividades essenciais necessárias a uma parentalidade de boa qualidade¹, podem ser divididas em três grupos: cuidado, controlo e desenvolvimento (Hoghughi, 2004). O cuidado subdivide-se em emocional, social e físico. No que diz respeito ao cuidado físico, os cuidadores asseguram a sobrevivência da criança, fornecendo-lhe alimentação, abrigo, cuidados de higiene, prevenção e tratamento de doenças e descanso. Relativamente ao cuidado emocional, este engloba a criação de

¹ “good enough parenting” (Hoghughi, 2004, p. 7)

oportunidades consistentes de interacção positiva, que permitam que a criança se sinta amada, respeitada e feliz, e que sinta que tem oportunidade de escolha. Finalmente, no que diz respeito ao cuidado social, os cuidadores asseguram que a criança não se encontra isolada dos seus pares, ou de adultos significativos, ajudando-a numa boa interacção em casa e na escola, que contribui fortemente para a auto-estima da criança (Hoghughi, 2004). Por sua vez, o controlo refere-se, essencialmente, ao comportamento da criança, e constitui-se por um conjunto de actividades relacionadas com o estabelecimento de regras e limites apropriados à idade da criança (Hoghughi, 2004). Por fim, o desenvolvimento está implícito na criação de novas oportunidades, que permitem a total exploração das capacidades da criança, através de experiências e expressões (Hoghughi, 2004).

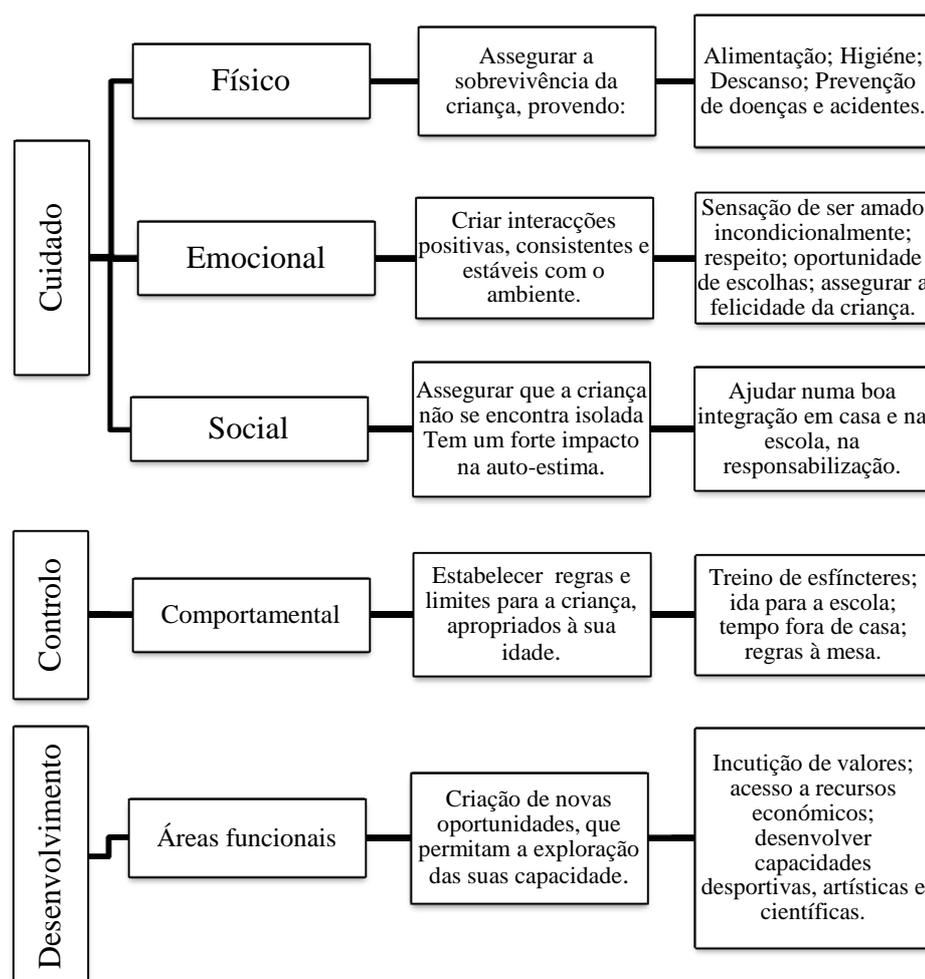


Ilustração 1 – “Activities that are *necessary and sufficient* for 'good enough parenting'” (Hoghughi, 2004).

Os processos parentais englobam também as áreas funcionais da criança que requerem a atenção do adulto. São elas: (1) saúde física, (2) funcionalidade intelectual e educacional, (3) comportamento social e (4) saúde mental. A saúde física engloba todos os aspectos do estado físico da criança, a optimização do bem-estar, o seu estado de desenvolvimento e as doenças. Nesta área, a actividade parental foca-se na prevenção de danos por negligência ou maldade, cuidados em caso de dificuldade, e a criação de oportunidades para um crescimento positivo da criança. Relativamente à funcionalidade intelectual e educacional, tal como as capacidades de resolução de problemas, é essencial à sobrevivência (Hoghughi, 2004). Neste âmbito, “as actividades têm como objectivo utilizar o potencial da criança, para que esta possa adquirir competências intelectuais, educacionais e laborais” (Hoghughi, 2004, p.9). Por sua vez, o comportamento social envolve a capacidade para desenvolver e responder apropriadamente a relações sociais. Implica também a capacidade de resposta a estímulos sociais. Ao estar atentos ao desenvolvimento social da criança, os cuidadores encontram-se melhor preparados para responder às exigências, de gradual complexidade, ao longo do desenvolvimento, por parte da sociedade. O incumprimento ou a violação de regras leva a um padrão de comportamento anti-social ou delinvente, que implica custos significativos para a criança, família e sociedade (Hoghughi, 2004). Finalmente, a saúde mental “engloba todos os aspectos dos pensamentos, sentimentos e tendências comportamentais da criança relativos a si mesma e aos outros” (Hoghughi, 2004, p.9). Inclui ainda condições clínicas, tais como a ansiedade e outros distúrbios graves de saúde mental. Estudos indicam que as práticas parentais têm um forte impacto na capacidade de resiliência da criança (Hoghughi, 2004).

Segundo o autor, os pré-requisitos que aferem uma boa parentalidade são: conhecimento e compreensão, motivação, recursos para a parentalidade e oportunidade (Hoghughi, 2004).

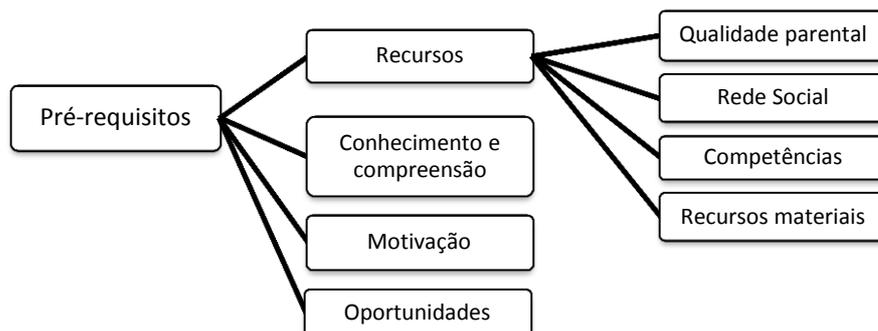


Ilustração 2- Pré-requisitos da parentalidade (Hoghughi, 2004).

Os recursos referem-se a tudo o que os pais possam necessitar e desejar para os seus filhos, e incluem: (1) qualidade parental resultante de características da personalidade dos pais; (2) rede social que constitui uma “fonte significativa de *empowerment*” (Hoghughi, 2004, p.13) e inclui amigos, familiares e grupos sociais, que ao “abraçar” os pais, promovem um melhor desenvolvimento das crianças.; (3) competências para a parentalidade, requeridas à suplantação das necessidades sociais, físicas e emocionais da criança, e utilizadas na imposição de limites comportamentais e na comunicação com a criança, sendo tão mais complexas quanto mais complexa for a sociedade, e mais específicas forem as necessidades da criança; (4) recursos materiais importantes ao desenvolvimento da criança, considerando que a pobreza familiar é o maior preditor de vulnerabilidade e desvantagens na educação, saúde, estabilidade familiar, comportamento anti-social e saúde mental das crianças. As consequências da pobreza criam uma “cultura de pobreza” que parece ser a principal fonte de danos a longo-prazo” (Hoghughi, 2004, p.13). De referir que as competências, por não serem inatas, têm de ser adquiridas informalmente (através da experiência dos pais, tentativa e erro, através do meios de comunicação social ou por observação de outros pais), ou formalmente (na maternidade, na escola ou em programas parentais).

O conhecimento e a compreensão das necessidades da criança, tendo por base o seu desenvolvimento, permite aos cuidadores responder apropriadamente às mesmas, revelando uma parentalidade activa. É necessário, para tal, realizar uma interpretação compreensiva da situação da criança. Muitas vezes, o conhecimento e a compreensão são essenciais na avaliação do risco, em situações inesperadas e espontâneas, sendo necessário

que os pais tomem decisões prontamente. Esta avaliação do risco implica conhecimento acerca da criança e da cultura. Os cuidadores deparam-se igualmente com avaliação do impacto das intervenções realizadas para colmatar uma necessidade da criança. Tal como a avaliação do risco, também a avaliação do impacto se torna mais complexa com a idade, a maturação da criança e a sua condição (Hoghughi, 2004).

Para concretizar as acções, com base nos conhecimentos, os pais necessitam de um pré-requisito importante: a motivação. Este factor é necessário à manutenção ou melhoramento da situação da criança. A motivação para uma parentalidade de elevada qualidade é vulnerável às pressões sociais e pessoais, nomeadamente o papel social da mãe e do pai, o emprego, as tensões nas relações e os interesses da criança, o rendimento familiar e as deslocações sociais, em casos de migração (Hoghughi, 2004).

As oportunidades são o último pré-requisito definido pelo autor. A sociedade e a conjuntura actual não permitem, muitas vezes, que os pais disponham de muito tempo para os filhos, fazendo com que as crianças passem a maior parte do seu dia com educadoras de infância, conhecidos, amigos da família, ou amas (Hoghughi, 2004). Assim, nem sempre é possível, por parte dos pais, passar o tempo de qualidade que gostariam com os seus filhos. No entanto, não há dúvidas quanto à importância da atenção, amor, apoio e encorajamento por parte dos pais, na vida de uma criança, e, de acordo com Berger (2000), estudos comprovam que os principais factores de sucesso da criança na escola são o apoio e encorajamento dados pelos pais. Os pais são os primeiros cuidadores, “socializadores” e educadores dos seus filhos e, mesmo havendo poucos recursos económicos, ao facultar à criança os cuidados e apoio de que necessita, fornecem-se as bases para colmatar as suas necessidades sociais e educacionais (Berger, 2000). Pode dizer-se que “a parentalidade é um emprego em que o foco primário da atenção e acção é a criança (...) mas é também um estatuto ao longo da vida, com consequências para os pais” (Bornstein, 2002, p. ix). Bornstein (2012) defende ainda que “a parentalidade tem vantagens, proveitos, prazeres e privilégios, tal como também tem frustrações, medos e fracassos” (p. x).

Todo o ecossistema da família influencia a parentalidade, neste sentido, os subsistemas possuem um importante papel neste âmbito. O

microsistema envolve as relações mais directas com a família e os pares, sendo que os pais são a maior influência no sistema ecológico e interactivo da criança (O’Callaghan, 1993, citado por Berger, 2000). Por sua vez, o mesossistema envolve as relações mais directas com organizações mais formais, tais como as escolas, grupos religiosos e grupos de lazer. O exossistema influencia a criança através dos seus pais, nomeadamente através dos seus empregos, das acções do governo que têm impacto nas escolas e noutras entidades relacionadas com a criança (Berger, 2000). A parentalidade é ainda afectada e influenciada pela *história*, a *biologia*, a configuração familiar, os sistemas de apoio formais e informais, o emprego, as instituições sociais, educativas, legais, médicas e governamentais, a classe económica, a cultura e a ecologia, e também as próprias crianças (Bornstein, 2002).

Assim, actualmente, não se pode dizer que os pais sejam a única influência importante no desenvolvimento da criança, pelo facto de existir uma rede de factores que afectam o seu crescimento e desenvolvimento. A parentalidade é apenas um desses factores, no entanto, são os pais que escolhem o ambiente da criança fora de casa. As influências não-parentais incluem, por exemplo, a televisão, e importa também o ambiente em que a criança se desenvolve, nomeadamente a época em que se desenvolve, em termos de sociedade, ou em termos de instabilidade familiar e/ou mudanças rápidas na estrutura familiar ou nos benefícios sociais. Outros eventos não previstos também influenciam, tais como doenças, acidentes, uma oportunidade inesperada. Não há relações directas entre uma prática parental e a consequência na criança, trata-se “apenas” de uma parte dos riscos e factores protectores e oportunidades de aprendizagem que afectam resultados particulares da criança (Maccoby, 2002). Reforça-se que ser pai ou mãe é um grande desafio e implica uma enorme responsabilidade e a vontade de proporcionar à criança uma vida saudável, feliz e também a aquisição de competências e, para tal, “os pais criam o mundo imediato no qual a criança se desenvolve” (Ramey, 2002, p. 51). As crianças são especialmente vulneráveis e, mesmo nos casos de uma gravidez saudável, por vezes surgem distúrbios, doenças e ambientes pouco favoráveis a um bom desenvolvimento (Ramey, 2002). As dimensões das práticas parentais,

segundo alguns estudos observacionais em pais e filhos e auto-descrições realizadas pelos pais, incluem: “capacidade de resposta em relação às necessidades da criança; carinho e expressividade; ensinamento e explicações verbais dos desejos e acções dos pais; estratégias de controlo de comportamento, incluindo práticas tradicionais de disciplina” (Ramey, 2002, p. 57). Os auto-relatos dos pais relativamente às práticas parentais têm sido a base para estudos que relacionam os comportamentos dos pais com os resultados no desenvolvimento das crianças, e “podem reflectir o que os pais consideram “responsável”, “eficaz” e/ou “aceitável”” (Ramey, 2002, p. 59) no que diz que respeito às práticas parentais. Os referidos auto-relatos raramente apresentam concordância ao serem preenchidos por pai e mãe, sendo que os pais tendem a ser mais optimistas e menos críticos relativamente à vida familiar, por forma a descrever um menor número de problemas comportamentais nos seus filhos (Ramey, 2002).

Ao longo do tempo, muitos são os pontos de vista relativos à influência mútua, ou não, entre as práticas parentais e as consequências nas crianças. Alguns autores defendem que “as crianças são o que são porque os pais fazem o que fazem” (Cowan & Cowan, 2002, p.75), no entanto, outros acreditam que a influência é mútua. Há ainda quem defenda o aspecto genético, nomeadamente que os genes partilhados são responsáveis pelas correlações pais-filhos. Actualmente, acredita-se que algumas alterações no desenvolvimento social, cognitivo e emocional da criança se devem a influências exteriores à família. O desenvolvimento da criança é afectado pela sua relação com os pares (Asher e Coie, 1990, citado por Cowan & Cowan, 2002), e pela qualidade da escola, da vizinhança e de outras instituições culturais (Parke, Perry & Weinstein, 1998, citado por Cowan & Cowan, 2002). A relação pais-filhos tem de ser analisada no contexto de outras relações dentro e fora da escola. Nos primeiros anos de escola, os pais têm um impacto significativo nas aquisições académicas e no comportamento (Cowan & Cowan, 2002). A qualidade das relações pais-filhos e entre o casal está associada à forma como as crianças se adaptam a nível académico e em relação aos problemas comportamentais entre os 4 e os 10 anos de idade.

Belsky (1984) contribuiu para a compreensão da parentalidade,

Estilos e Preocupações Parentais: estudo numa amostra de cuidadores de crianças em
Intervenção Precoce na Infância
Nádia Costa (e-mail:nadia.srcosta@gmail.com) 2013

definindo-a como multideterminada. Tendo por base estudos relativos aos abusos infantis e negligência, o autor refere que a parentalidade tem três influências principais e directas, nomeadamente: características dos pais (origem, desenvolvimento e recursos psicológicos), características da criança e as fontes contextuais de *stress* e apoio (e.g. rede de suporte social e relação conjugal) dos contextos em que a relação pais-filhos se desenvolve (Belsky, 1984; Belsky & Jaffee, 2006). “O desenvolvimento modela a personalidade e o bem-estar psicológico, que por sua vez influencia o funcionamento parental” (Belsky, 1984, p.86), no entanto, não o faz directamente, dado que primeiramente influencia o contexto, modelando posteriormente a parentalidade (Belsky & Jaffee, 2006). As três influências não tem igual impacto na parentalidade. Alguns estudos apontam ainda para a influência da genética na parentalidade, revelando que o impacto da mesma pode estar a ser reflectido, tal como o impacto das influências ambientais é reflectido, pelos factores desenvolvimentais e contextuais que se associam à parentalidade. (Belsky & Jaffee, 2006). No entanto, um temperamento difícil na criança pode também debilitar o funcionamento parental. “As competências cognitivo-motivacionais e desenvolvimento socio-emocional saudável são promovidos por um cuidado atento, quente, estimulante, responsivo e não-restritivo” (Belsky, 1984, p.85). Práticas parentais sensíveis resultam em manifestações de emoções positivas, segurança emocional, competências sociais, independência comportamental, e aquisições intelectuais por parte da criança (Belsky, Lerner & Spanier, 1984). O apoio social facultado pela rede de suporte está relacionado de uma forma positiva com o funcionamento parental (Belsky, 1984), o que reforça a importância do contexto no desenvolvimento da criança. Num estudo realizado por Colleta (1979, citado por Belsky, 1984), em que foram entrevistadas mães de crianças dos 0 aos 6 anos, concluiu-se que o apoio total recebido (que incluía família, amigos e marido) estaria negativamente associado a punição e restrição por parte da progenitora. O apoio social, provê aos cuidadores apoio material, emocional, informativo, e indica-lhes ainda as expectativas sociais existentes no contexto em que se inserem. O ideal será, segundo French, Rodgers & Cobb (1974, citados por Belsky, 1984), encontrar um equilíbrio entre o apoio desejado e o apoio recebido.

Belsky (1984) assinala o emprego como sendo uma fonte contextual de *stress*/apoio. Através dos trabalhos de Light (1973) e Steinberg, Catalano, & Dooley (1981), o autor associa o desemprego e a redução do mercado de trabalho a maus-tratos infantis. Há ainda referência à influência do facto de ambos os pais estarem empregados, no sentido em que, nestes casos, as expectativas para a criança são melhores. Colletta (1981, citado por Belsky, 1984) concluiu que o apoio social é a principal fonte de suporte nos casos de gravidez na adolescência e nas famílias monoparentais.

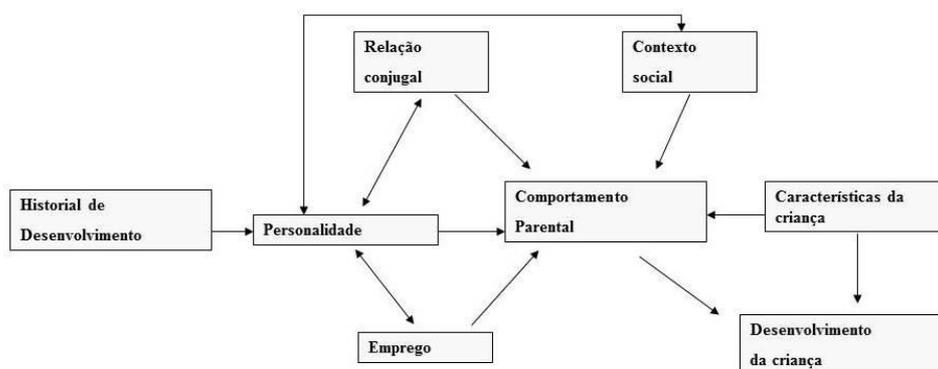


Ilustração 3- Modelo dos Determinantes do Comportamento Parental (Belsky, 1984)

Quando dois dos três determinantes da parentalidade se encontram em risco, esta mantém-se num funcionamento optimal, caso os recursos pessoais e psicológicos dos progenitores sejam os determinantes que se mantêm intactos (Belsky, 1984). O impacto dos factores socioeconómicos na saúde da criança em idade pré-escolar é mediado, em mais de 50%, pela parentalidade (Belsky, Bell, Stallard, & Stewart-Brown, 2006).

Concluindo, a parentalidade é o “processo através do qual o indivíduo se torna progenitor de modo psicológico” (Houzel, 1997, citado por Algarvio, Leal & Maroco, 2010, p.131).

Estilos Parentais

Os estilos parentais podem ser definidos como “um conjunto de atitudes e práticas relacionadas com as questões de poder, hierarquia, apoio emocional e estímulo à autonomia que os pais têm para com os seus filhos” (Miguel, Pires Valentim & Carugati, 2009, p.171), utilizadas com o objectivo de transmitir ao filhos os valores em que os pais acreditam.

Diversos autores mostram interesse pelo estudo dos estilos parentais (Maccoby & Martin, 1983; Sears, Maccoby, & Levin, 1957; Lamborn, Mounts, Steinberg, & Dornbusch, 1991; Steinberg, Lamborn, Darling, Mounts, & Dornbusch, 1994; Maccoby, 2000; Chao, 2001), no entanto debruçamo-nos sobre Diane Baumrind (1961, 1966, 1967) cujos trabalhos contribuíram para a identificação de três estilos educativos parentais: democrático, autoritário e permissivo, tratados neste trabalho.

O estilo democrático é caracterizado pelo estabelecimento de padrões firmes de controlo dos comportamentos dos filho, assim como por elevados níveis de exigência. Os cuidadores estão dispostos a adoptar uma postura de escuta activa dos pontos de vista dos seus filhos e a adaptar os seus próprios comportamentos. Desta forma, conseguem conjugar elevados níveis de controlo com envolvimento, cuidado, democracia e comunicação aberta com os filhos, o que envolve alguma flexibilidade. A democracia é visível, nomeadamente, no simples facto de solicitar as opiniões das crianças, bem como facultar-lhes explicações e motivos pelos quais as punições foram aplicadas. Este estilo educativo parental procura dar resposta às necessidades da criança, estabelecendo, no entanto, restrições e padrões comportamentais que consideram apropriados. Os cuidadores procuram direccionar as actividades dos filhos de maneira racional e orientada. Permitem a existência de diálogo, incentivando-o e compartilhando com a criança o raciocínio que levou a determinada acção. Em situações em que a criança se recusa a concordar, solicitam as contestações, por forma a compreender as suas razões. No entanto, em situações de divergência exercem um controlo firme, colocando a sua perspectiva de adulto, sem restringir a criança, e reconhecendo que esta possui interesses próprios. Assim, não baseiam as suas decisões em consensos ou no desejo da criança; optam sim por valorizar a vontade própria mas também a submissão disciplinada. (Baumrind, 1966; 1996). Num estudo de Baumrind e Black (1967), os autores concluíram que as habilitações literárias mantêm uma relação positiva com comportamentos arbitrários, incluindo o uso de poder coercivo sem razões para tal.

O estilo autoritário caracteriza-se pela manifestação de poder e por reduzidos níveis de apoio, envolvimento e comunicação entre pais e filhos. Os cuidadores tentam moldar, controlar e avaliar os comportamentos das

crianças de acordo com um padrão definido de conduta, valorizando a obediência (como uma virtude), o respeito pela autoridade e a preservação da ordem estabelecida. As punições e as medidas coercivas são frequentemente utilizadas, por forma a lidar com aspectos da criança que entram em conflito com o que consideram ser certo. A autonomia da criança é restringida e são incutidas responsabilidades domésticas com o objectivo de promover o respeito pelo trabalho (Baumrind, 1966).

Relativamente ao estilo permissivo, este caracteriza-se por comportamento não punitivo e de aceitação perante os impulsos, vontades e acções da criança, apresentando-se assim como um recurso para realização dos seus desejos e não como um modelo ou agente responsável por moldar ou direccionar o seu comportamento. Os cuidadores fazem poucas exigências, tendem a distanciar-se da imagem de um agente activo responsável por moldar ou alterar o comportamento da criança, e permitem que a criança auto-regule as suas próprias actividades. Desta forma, evitam exercer controlo e não incentivam a obediência a padrões comportamentais estabelecidos. Corresponde a um conjunto de comportamentos de afecto e de resposta às necessidades da criança sem que, no entanto, sejam estabelecidas restrições comportamentais (Baumrind, 1966).

A leitura de Belsky (1984) acerca dos trabalhos de Baumrind (1967, 1971) refere: altos níveis de controlo e cuidado nas idades pré-escolares estariam relacionados com a capacidade da criança se esforçar para alcançar objectivos, e também com a capacidade de envolver adultos e pares de uma forma amigável e cooperativa.

Num recente trabalho de Baumrind (2012) a autora diferencia os estilos democrático e autoritário quanto ao tipo de poder assertivo utilizado. Apesar de ambos serem exigentes, o estilo democrático caracteriza-se por utilizar poder confrontativo (firme, directo e consistente), enquanto que o estilo autoritário utiliza poder coercivo (dominantes, hierárquico e tirânico). O bem-estar da criança é significativamente influenciado pela forma como os pais utilizam o poder para controlar o seu comportamento (Baumrind, 2012). A autora defende ainda que altos níveis de poder coercivo (contrariamente ao poder confrontativo) podem prejudicar o desenvolvimento da criança (Baumrind, 2012).

Preocupações Parentais

Ao longo do acompanhamento da família no processo da IPI, nomeadamente na fase de avaliação do desenvolvimento global da criança, os cuidadores passam por uma fase de fragilidade emocional, no sentido em que anseiam por uma resposta relacionada com o verdadeiro “problema” da criança. Por vezes, estes pais/cuidadores encontram-se há meses, ou até anos, à espera de um esclarecimento quanto ao desenvolvimento da criança (Featherstone, 1980 citado por Parker & Zuckerman, 1990). Ignorar o estado emocional da família, é ignorar um aspecto da vida da criança, que possivelmente, influenciam o seu desenvolvimento e as suas competências (Parker & Zuckerman, 1990). Assim sendo, é importante que se avaliem as preocupações e angústias dos cuidadores, por forma a prestar um melhor apoio aos mesmos, tendo-as como base.

As preocupações parentais podem coexistir nas mais diversas áreas, desde a saúde, a educação ou o desenvolvimento dos filhos. Nesse âmbito, os resultados do National Survey of Children’s Health de 2003 indicaram que 41% dos pais demonstraram preocupação relativa a dificuldades de aprendizagem, enquanto que 36% revelaram preocupação relativamente a ansiedade e depressão por parte dos filhos. Concluiu-se ainda que as crianças com problemas de desenvolvimento apresentavam uma auto-estima mais baixa, maior ansiedade e depressão, mais problemas de aprendizagem, e um menor envolvimento em actividades comunitárias e desportivas. Por sua vez, os cuidadores experienciam mais dificuldades a nível de empregabilidade, relação pais-filho, competências parentais, *stress* e sobrecarga e também a nível das instituições educativas e de apoio (Blanchard et al., 2006).

Num estudo realizado por Sheldrick, Neger & Perrin (2012), em que 465 pais de crianças entre os 3 e os 65 meses de idade foram questionados acerca das suas preocupações para com a criança, 24% dos mesmos revelaram ter pelo menos uma preocupação relativa ao comportamento, ao desenvolvimento ou a aprendizagem. Estes pais procuravam, no momento, atendimento pediátrico e foi-lhes pedido que preenchessem também questionários acerca do desenvolvimento e do comportamento da criança. Os factores associados a uma maior preocupação relativa aos três domínios (comportamento, desenvolvimento e aprendizagem) foram: maior idade da

criança, ser do sexo masculino, e um menor rendimento económico familiar. Foi ainda encontrada uma concordância moderada entre as preocupações dos pais e os resultados dos questionários acerca do desenvolvimento e comportamento. Algumas crianças foram assinaladas através dos resultados desses mesmos questionários, sendo que os pais das crianças assinaladas através do questionário de comportamento revelaram preocupações mais acentuadas nessa mesma área; o mesmo ocorreu nos casos em que foram identificadas através de ambos os questionários. É relevante referir que 18% dos filhos de pais que não revelaram qualquer preocupação foram identificadas como sendo de risco em um ou ambos os questionários de triagem. A concordância com as preocupações dos pais foi superior no que concerne as questões de comportamento, comparativamente com as questões de desenvolvimento (Sheldrick, Neger & Perrin, 2012).

Ainda no âmbito das preocupações parentais, encontramos, num estudo de Restall e Borton (2009), as principais preocupações relativamente a crianças em idade de entrada no jardim de infância. Este estudo, realizado no Canadá, procurou identificar as preocupações relativas ao desenvolvimento da criança nos seguintes domínios global/cognitivo, linguagem expressiva e articulação, linguagem receptiva, motricidade fina, motricidade global, comportamento, social/emocional, auto-ajuda, escola e saúde (Glascoe, 2004, citado por Restall & Borton, 2009). Concluiu-se que os pais de rapazes apresentavam significativamente mais preocupações relativamente ao desenvolvimento dos seus filhos, comparativamente com os pais de meninas, nomeadamente no que concerne a linguagem expressiva, a motricidade fina, o comportamento, a área social/emocional e a auto-ajuda. Os autores referem que ao descobrir as percepções dos cuidadores, contribuímos para a construção da confiança e para a identificação de crianças em risco devido a um desenvolvimento pobre. Estes pais necessitam de recursos, apoio e suporte para que possam conhecer e usufruir dos serviços da IPI e outros serviços sociais e educacionais (Restall & Borton, 2009). Nos casos de pais de crianças que nasceram com muito baixo peso, um estudo longitudinal de Heiser, Curcin, Luhr, Grimmer, Metze, & Obladen (2000) concluiu que estes pais tendem a subestimar o desenvolvimento dos filhos. Ao comparar com o desenvolvimento de outras

crianças da mesma idade, 32% julgou que a sua criança tinha um desenvolvimento inferior. Dessas crianças, apenas 12,5% foi classificada como tendo um atraso de desenvolvimento, através da Escala de Desenvolvimento de Ruth Griffiths.

II - Objectivos

Este estudo tem como objectivo verificar a existência ou não de diferenças significativas no que concerne os estilos e preocupações parentais de cuidadores de crianças acompanhadas pela intervenção precoce na infância, e de cuidadores de um grupo de comunidade. As hipóteses iniciais surgem tendo por base algumas questões relevantes neste âmbito. As hipóteses de investigação foram as seguintes: (1) existem diferenças significativas, no que diz respeito às preocupações parentais, nos grupos de pais de crianças em IPI (com e sem atraso global de desenvolvimento) e pais de crianças de uma amostra de comunidade; (2) existem diferenças significativas, no que diz respeito aos estilos parentais, entre os grupos de IPI e o grupo de comunidade; (3) a escolaridade dos pais influencia os estilos parentais; (4) existe uma relação entre as preocupações parentais e os estilos parentais.

A variável “Estilos Parentais” foi estudada a partir dos resultados obtidos pela amostra no Questionário de Estilos e Dimensões Parentais (QEDP, Robinson, Mandlco, Olsen & Hart, 2001; Versão Portuguesa de Miguel, Pires Valentim & Carugati, 2010), a variável “Preocupações Parentais”, teve, como base de análise, a cotação da Escala de Preocupações Parentais (EPP, Algarvio, Leal, & Maroco, 2009) e as variáveis “Escolaridade do Pai”, “Escolaridade da Mãe”, “Idade da Criança” dos sujeitos, averiguadas através de um questionário sociodemográfico elaborado para o efeito.

III - Metodologia

Descrição da amostra

A amostra deste estudo é composta por 193 cuidadores de crianças dos 0 aos 6 anos de idade. A mesma foi recolhida após contacto escrito com a direcção da Subcomissão do Sistema Nacional de Intervenção Precoce (SNIPI) explicando o objectivo do estudo, e respectiva autorização, através da distribuição de questionários em sete das onze *equipas locais de intervenção* do SNIPI. A amostra foi também recolhida nos jardins de infância do Agrupamento de Escolas de Penacova que, após ser contactado pessoalmente, autorizou a distribuição dos protocolos. Em resposta ao pedido, foram também entregues protocolos no jardim de infância do Ameal, pertencente ao Agrupamento de Escolas Coimbra Oeste. Assim sendo 97 cuidadores (50,3%) pertence a um subgrupo de comunidade, 68 (35,2%) a pais de crianças acompanhados pela IPI, e finalmente 28 (14,5%) a pais de crianças com atraso global de desenvolvimento acompanhados pela IPI.

Tabela 1. Distribuição da amostra quanto ao grupo

	Frequência	Percentagem %
Comunidade	97	50,3
Intervenção Precoce	68	35,2
Intervenção Precoce c/ AGD	28	14,5

Ao longo da investigação, optámos por considerar um grupo único de cuidadores acompanhados pela IPI, constituído então por 96 sujeitos (49,7%). Relativamente ao género das crianças, acerca nas quais se centraram as respostas às escalas de avaliação, 115 sujeitos são do sexo masculino (59,6%) e 78 sujeitos do sexo feminino (40,4%).

Tabela 2. Distribuição da amostra quanto ao género da criança

	Frequência	Percentagem %
Masculino	115	59,6
Feminino	78	40,4

Em 81,9% dos casos o protocolo foi preenchido pelas mães, 4,1% foram preenchidos pelos pais, 11,9% por ambos e, finalmente, 2,1% por outro cuidador.

Tabela 3. Distribuição da amostra quanto ao preenchimento do protocolo

	Frequência	Porcentagem %
Mãe	158	81,9
Ambos	23	11,9
Pai	8	4,1
Outro	4	2,1

No que concerne o concelho de residência, a maior percentagem reside nos concelhos de Penacova (42,5%), Coimbra (23,3%) e Figueira da Foz (10,4%), como se pode constatar na tabela i, em anexo.

Quanto à idade dos progenitores, a faixa etária das mães varia entre 18 e 53 anos (D.P.= 5,2), sendo que a média é de 34,7. Já relativamente aos pais, as idades variam entre 19 e 53 anos (D.P.= 5,4), e a média é de 37,3.

Tabela 4. Distribuição da amostra quanto à idade dos progenitores

	Mínimo	Máximo	Média	D. P.
Mãe	18	53	34,7	5,2
Pai	19	53	37,3	5,4

Relativamente à idade das crianças em questão, esta varia entre 1 e 6 anos de idade, sendo que a média de idades é de 4,2 com um desvio-padrão de 1,2.

Tabela 5. Distribuição da amostra quanto à idade das crianças

	Mínimo	Máximo	Média	D. P.
Criança	1	6	4,2	1,2

	Frequência	Porcentagem %
1	3	1,6
2	11	5,7
3	35	18,1
4	69	35,8
5	45	23,3
6	30	15,5

Quanto à escolaridade dos pais, nos três grupos (comunidade, IPI e IPI com AGD), o grupo de comunidade apresenta uma maior percentagem de cuidadores que concluíram o ensino secundário (36,6%). No grupo de IPI, a maior percentagem fez-se notar em dois patamares: 2º ciclo do ensino básico e ensino secundário (26,2% cada). Finalmente no grupo de IPI em que a criança apresenta um atraso global de desenvolvimento, a maior percentagem de cuidadores concluiu o 3º ciclo do ensino básico. As mães dos grupos de comunidade e de IPI concluíram, na sua maioria, o ensino secundário (45,8% e 32,8%, respectivamente). Já no grupo de IPI em que a criança apresenta um atraso global de desenvolvimento, a maior percentagem de cuidadoras concluiu o 3º ciclo do ensino básico (42,9%).

Tabela 6. Distribuição da amostra quanto à escolaridade do pai - (frequência e %)

	Comunidade	%	IPI	%	IPI c/ AGD	%
1º ciclo	4	4,3	12	19,7	4	14,8
2º ciclo	9	9,7	16	26,2	7	25,9
3º ciclo	33	35,5	12	19,7	12	44,4
Secundário	34	36,6	16	26,2	3	11,1
Licenciatura	11	11,8	4	6,6	0	0
Mestrado	2	2,2	1	1,6	0	0
Doutoramento	0	0	0	0	1	3,7

Tabela 7. Distribuição da amostra quanto à escolaridade da mãe - (frequência e %)

	Comunidade	%	IPI	%	IPI c/ AGD	%
1º ciclo	0	0	13	20,3	0	0
2º ciclo	9	9,4	5	7,8	6	21,4
3º ciclo	11	11,5	12	18,8	12	42,9
Secundário	44	45,8	21	32,8	9	32,1
Licenciatura	28	29,2	11	17,2	1	3,6
Mestrado	3	3,1	2	3,1	0	0
Doutoramento	1	1	0	0	0	0

Materiais/instrumentos

Foram utilizados para este estudo: um questionário sociodemográfico, a Escala de Preocupações Parentais (Algarvio, Leal, & Maroco, 2009) e o Questionário de Estilos e Dimensões Parentais (Robinson, Mandlco, Olsen & Hart, 2001; Versão Portuguesa de Miguel, Pires Valentim & Carugati, 2010).

Questionário sociodemográfico – este instrumento, elaborado no âmbito da presente investigação, contém 7 questões relativas à caracterização dos sujeitos (nível de escolaridade, idade, profissão, zona de residência), da sua estrutura familiar (idade e sexo da criança, grau de parentesco com a criança), e também, no caso da amostra de IPI, a informação relativa à existência ou não de um atraso global de desenvolvimento (AGD) na criança.

Questionário de Estilos e Dimensões Parentais-Versão Reduzida (QEDP) – a adaptação portuguesa do *Parenting Styles and Dimensions Questionnaire-Short Form (PSDQ)* de Robinson, Mandleco, Olsen & Hart, (2001), é da autoria de Miguel, Pires Valentim & Carugati (2010). Trata-se de um questionário de auto-avaliação que visa analisar o modo como os cuidadores percebem as suas práticas parentais e sua frequência. É constituído por 32 itens, cuja resposta poderá ser “Nunca”, “Poucas Vezes”, “Algumas Vezes”, “Bastantes Vezes e “Sempre”. A sua cotação permite obter informação subdividida em três tipos de estilos parentais, nomeadamente: Estilo Permissivo (constituído pela dimensão Indulgência), Estilo Autoritário (constituído pelas dimensões Coerção Física, Hostilidade Verbal e Punição), e o Estilo Democrático (constituído pelas dimensões Apoio e Afecto, Regulação e Cedência de Autonomia / Participação Democrática).

Escala de Preocupações Parentais (EPP) – Escala da autoria de Algarvio, Leal, & Maroco (2009), tendo por base o estudo de Mesibov, Schroeer & Wesson (1993) em que apresentaram uma listagem de preocupações dos pais no desenvolvimento normal. Este instrumento consiste num questionário de auto-avaliação que procura medir dimensões relacionadas com as preocupações dos cuidadores relativas às seguintes dimensões: Problemas Familiares e Preocupações Escolares, Desenvolvimento Infantil, Preparação, Medos, e Comportamentos Negativos. O questionário é composto por 24 itens no total, cujas respostas poderão ser “Muitíssimo”, “Bastante”, “Razoavelmente”, “Pouco”, “Nada” ou “Não Aplicável”, sendo que o valor 1 corresponde a “Muitíssimo” o 5

corresponde a “Nada”. Através dos resultados de cada subescala é possível calcular uma medida dessa dimensão.

Procedimento

Após contacto escrito com a direcção da Subcomissão do Sistema Nacional de Intervenção Precoce (SNIPI) explicando o objectivo do estudo, e respectiva autorização, os protocolos foram distribuídos em sete das onze *equipas locais de intervenção* do SNIPI, sendo posteriormente entregues às famílias apoiados pelas mesmas. Foram também contactadas as direcções dos agrupamentos de escolas do distrito de Coimbra, sendo que se obteve resposta do Agrupamento de Escolas de Coimbra Oeste, autorizando a distribuição dos protocolos num dos seus jardins-de-infância. Foi também aprovada a distribuição dos questionários em todos os jardins-de-infância do Agrupamento de Escolas de Penacova. Na folha de rosto dos referidos protocolos, encontra-se um consentimento informado, onde os cuidadores são esclarecidos acerca do objectivo geral do estudo, da confidencialidade das respostas, e onde é fornecido o contacto da investigadora para eventuais dúvidas, aquando do preenchimento.

A recolha de dados decorreu entre os meses de Março e Junho de 2013.

IV - Resultados

Análise da consistência interna - Alphas de Cronbach

Procedeu-se à análise da consistência interna das subescalas e da escala geral, através cálculo do coeficiente *alpha* de Cronbach.

Os resultados indicam uma consistência interna razoável ($\alpha = 0,73$), do Questionário de Estilos e Dimensões Parentais, sendo que as suas subescalas “Democrático” e “Autoritário” apresentam uma boa consistência interna ($\alpha = 0,84$ e $0,83$ respectivamente), e por fim, a subescala “Permissivo” apresenta uma consistência fraca ($\alpha = 0,60$) (Pestana & Gageiro, 2005), talvez pelo facto de ser constituído por apenas cinco itens. Quanto à Escala de Preocupações Parentais, esta apresenta uma muito boa consistência interna ($\alpha = 0,91$), no entanto, três das cinco subescalas apresentam uma consistência inadmissível (Subescala Preparação: $\alpha = 0,14$;

Subescala Medos: $\alpha = 0,18$ e Subescala Comportamentos Negativos: $\alpha = 0,24$). As Subescalas Problemas Familiares e Preocupações Escolares e Desenvolvimento Infantil apresentam uma consistência razoável ($\alpha = 0,78$ e $0,75$ respectivamente) (Pestana & Gageiro, 2005).

Considerando então os valores do *alpha* de Cronbach da EPP e das suas subescalas, apenas foram consideradas as dimensões Problemas Familiares e Preocupações Escolares, Desenvolvimento Infantil, e a escala total.

Tabela 8. Consistência interna QEDP

	<i>alpha</i> de Cronbach	<i>alpha</i> de Cronbach - QEDP-versão reduzida (Miguel, Pires Valentim & Carugati, 2010)	N itens
Estilo Permissivo	,60	,63	5
Estilo Autoritário	,83	,80	12
Estilo Democrático	,84	,82	15
Escala total	,73	-	32

Tabela 9. Consistência interna EPP

	<i>alpha</i> de Cronbach	<i>alpha</i> de Cronbach - EPP (Algarvio, Leal & Maroco, 2009)	N itens
Prob. Fam. e Preoc. Esc.	,78	,87	6
Desenvolvimento Infantil	,75	,85	6
Preparação	,14	,75	3
Medos	,18	,84	3
Comportamentos Neg.	,24	,86	6
Escala total	,91	,93	24

Teste de Kruskal Wallis

Considerando que um dos grupos da amostra não cumpre os pressupostos de normalidade ao não possuir um $N > 30$, recorreu-se aos testes não-paramétricos (Pestana & Gageiro, 2005). Assim, através do teste de Kruskal-Wallis, conclui-se que existem diferenças significativas entre grupos nas variáveis Permissivo, Regulação e Democrático.

Tabela 10. Teste de Kruskal Wallis

	Asymp. Sig.
Permissivo	,004
Regulação	,011
Democrático	,041

Teste de Mann-Whitney

Posteriormente, realizou-se o teste não-paramétrico de *Mann-Whitney* para averiguar entre que grupos a diferença é significativa. Concluiu-se que existem diferenças significativas entre o grupo de comunidade e de IPI na subescala regulação e no estilo democrático, sendo que, relativamente à regulação, o grupo de comunidade obteve uma média de 4,34 (D.P.=0,56) e o grupo de IPI obteve uma média de 4,08 (D.P.=0,7). Relativamente ao estilo democrático, o grupo de comunidade obteve uma média de 4,19 (D.P.=0,4), enquanto que o grupo de IP obteve uma média de 3,99 (D.P.=0,55). Entre os grupos comunidade e IPI com AGD verificaram-se diferenças significativas na subescala regulação e no estilo permissivo. Quanto ao estilo permissivo, os cuidadores do grupo de IPI com AGD pontuam mais (m = 2,98; D.P. = ,66), comparativamente ao grupo de comunidade (m= 2,53; D.P.= ,60). Verifica-se o oposto no que concerne a subescala regulação, em que o grupo de comunidade pontua mais (m= 4,34; D.P.= ,56), comparativamente ao grupo de IPI com AGD (m= 3,96; D.P.=,84).

Tabela 11. Teste de Mann-Whitney

Grupos		Asymp. Sig. (2-tailed)	M	D.P.
Comunidade / IPI	Democrático	,013	4,19 / 3,99	,40 / ,55
	Regulação	,015	4,34 / 4,08	,56 / ,70
Comunidade / IPI c/ AGD	Permissivo	,001	2,53 / 2,98	,60 / ,66
	Regulação	,014	4,34 / 3,96	,56 / ,84
IPI / IPI c/ AGD	----	----	----	----

Quanto aos dois grupos de IPI, não se verificaram diferenças significativas entre ambos. Assim, procedeu-se a uma nova análise, considerando apenas dois grupos: comunidade (N=97) e IPI global (N=96).

Teste t student

Ao considerar os dois grupos de IPI como um só, e tendo em conta que desta forma ambos os grupos possuem um $N > 30$, utilizaram-se testes

paramétricos, visto que se cumpre o pressuposto da normalidade (Pestana & Gageiro, 2005). Recorreu-se a um teste t de *student* para amostras independentes, onde se obtiverem diferenças significativas entre os grupos, nas dimensões Permissivo, Democrático, Punição e Regulação.

Os cuidadores do grupo de comunidade pontuaram mais nos itens relativos ao estilo democrático ($m= 4,20$; $DP= 0,40$), e também na dimensão regulação ($m= 4,34$; $DP= 0,56$), comparativamente com os cuidadores de IPI global. Por sua vez, os cuidadores do segundo grupo, obtiveram médias mais elevadas no estilo permissivo ($m= 2,76$; $DP= 0,68$) e na punição ($m= 2,16$; $DP= 0,75$).

Tabela 12. Teste t student para amostras independentes - Comunidade / IPI global

	N	Média	DP	t	p
Democrático	97 / 96	4,20 / 4,03	0,40 / 0,53	2,42	0,17
Permissivo	97 / 96	2,53 / 2,76	0,60 / 0,68	-2,53	0,12
Regulação	97 / 96	4,34 / 4,04	0,56 / 0,74	3,15	0,02
Punição	97 / 96	1,95 / 2,16	0,60 / 0,75	-2,13	0,35

Quanto à variável sexo da criança, apenas se verificaram diferenças significativas no estilo permissivo, no grupo de IPI global, onde os cuidadores de crianças do sexo feminino pontuam mais ($m=2,97$; $D.P.=0,56$).

Tabela 13. Teste t student para amostras independentes- Género da criança - IPI global

		N	Média	DP	t	p
Estilo Permissivo	Masculino	65	2,66	0,71	-2,137	0,35
	Feminino	31	2,97	0,56	-2,137	0,35

Coefficientes de Correlação de Pearson

Posteriormente, foram encontradas relações significativas entre variáveis, em ambos os grupos, através da análise de correlações.

Dentro do grupo de comunidade, verificaram-se correlações positivas entre a variável permissivo e as variáveis hostilidade verbal ($r=,441$; $p\leq 0,01$), coerção física ($r=,436$; $p\leq 0,01$), punição ($r=,415$; $p\leq 0,01$) e estilo autoritário ($r=,526$; $p\leq 0,01$), como se pode verificar na tabela ii em anexo. Por outro lado, existe uma correlação negativa entre o estilo permissivo e as

variáveis regulação ($r=-,300$; $p\leq 0,01$) e estilo democrático ($r=-,222$; $p\leq 0,05$). Existem correlações significativas e positivas entre os estilo democrático e as variáveis apoio e afecto ($r=,716$; $p\leq 0,01$) e regulação ($r=,848$; $p\leq 0,01$). O estilo democrático relaciona-se negativamente com a coerção física ($r=-,220$; $p\leq 0,01$), a hostilidade verbal ($r=-,264$; $p\leq 0,01$) e a punição ($r=-,319$; $p\leq 0,01$). Neste grupo, não foram encontradas relações significativas entre as variáveis relacionadas com estilos parentais e as variáveis relativas às preocupações parentais. As últimas, no entanto, relacionam-se positivamente entre si. A escolaridade do pai estabelece uma relação significativa negativa com a variável apoio e afecto. A variável escolaridade da mãe estabelece relações significativas e positivas com as seguintes variáveis: regulação ($r=,270$; $p\leq 0,01$), autonomia ($r=,218$; $p\leq 0,05$) e estilo democrático ($r=,227$; $p\leq 0,05$). Estabelece também relações significativas e negativas, com as variáveis estilo autoritário ($r=-,360$; $p\leq 0,01$), estilo permissivo ($r=-,314$; $p\leq 0,01$), coerção física ($r=-,383$; $p\leq 0,01$), hostilidade verbal ($r=-,203$; $p\leq 0,05$) e punição ($r=-,296$; $p\leq 0,01$). Foram ainda encontradas relações significativas positivas entre a punição e a coerção física ($r=,548$; $p\leq 0,01$), a hostilidade verbal ($r=,351$; $p\leq 0,01$) e o estilo autoritário ($r=,751$; $p\leq 0,01$). Verificaram-se relações negativas entre a punição e as seguintes variáveis: apoio e afecto ($r=-,273$; $p\leq 0,01$), regulação ($r=-,222$; $p\leq 0,01$) e autonomia ($r=-,266$; $p\leq 0,01$). Contrariamente à punição, a regulação estabelece relações positivas com as variáveis apoio e afecto ($r=,534$; $p\leq 0,01$) e autonomia ($r=,444$; $p\leq 0,01$).

No grupo de IPI global, o estilo permissivo relaciona-se positivamente com a hostilidade verbal ($r=,310$; $p\leq 0,01$), a preocupação relativa a problemas familiares e preocupações escolares ($r=,383$; $p\leq 0,01$), e o estilo autoritário ($r=,334$; $p\leq 0,01$). A idade da criança relaciona-se positivamente com a regulação ($r=,258$; $p\leq 0,05$). Por sua vez, o estilo democrático mantém uma relação significativa positiva com as variáveis regulação ($r=,871$; $p\leq 0,01$), autonomia ($r=,836$; $p\leq 0,05$), apoio e afecto ($r=,762$; $p\leq 0,05$). Para além da idade da criança e do estilo democrático, a regulação também se relaciona significativamente e positivamente com apoio e afecto ($r=,545$; $p\leq 0,01$). Por sua vez, a punição relaciona-se positivamente com o estilo autoritário ($r=,871$; $p\leq 0,01$), coerção física

($r=,546$; $p\leq 0,01$), hostilidade verbal ($r=,681$; $p\leq 0,01$), preocupação relativa a problemas familiares e preocupações escolares ($r=,247$; $p\leq 0,05$). Relaciona-se ainda, negativamente, com a escolaridade da mãe ($r=-,227$; $p\leq 0,01$). A escolaridade do pai mantém uma relação significativa e negativa com as variáveis punição ($r=-,262$; $p\leq 0,05$), estilo autoritário ($r=-,246$; $p\leq 0,05$) e hostilidade verbal ($r=-,226$; $p\leq 0,05$). Tal como grupo de comunidade, a variáveis relacionadas com as preocupações parentais relacionam-se positivamente entre si. Todas estas relações podem ser verificadas na tabela iii em anexo.

V - Discussão

Os resultados obtidos permitem retirar conclusões bastante satisfatórias para o objectivo da presente investigação, corroborando três das quatro hipóteses colocadas previamente. Considerando a amostra utilizada para o estudo, é de salientar o facto de que, apesar de ocasional, esta ser caracterizada por uma distribuição bastante equilibrada no que concerne as variáveis como o género da criança (masculino = 59,6%; feminino = 40,4%) e o grupo a que pertence (comunidade = 50,3%; IPI = 49,7%). De igual modo, como já mencionado, apresentou resultados similares aos obtidos pelas amostras de aferição do QEDP e da EPP no que concerne a consistência interna, excepcionando-se as subescalas da EPP “medos”, “preparação” e “comportamentos negativos”, cuja consistência é inadmissível, o que nestes casos indica que a amostra apresenta resultados atípicos nestas dimensões. Os resultados obtidos acerca das preocupações gerais dos cuidadores de IPI, assim como as preocupações acerca dos problemas familiares, preocupações escolares e desenvolvimento infantil, não apresentaram diferenças significativas relativamente à população geral e ao grupo de cuidadores de crianças com atraso global de desenvolvimento, previsto inicialmente. Assim, os dados não corroboram a primeira hipótese deste estudo. No entanto, tal como no grupo de comunidade, também os cuidadores do grupo de IPI revelaram que quanto maior a preocupação relativa ao desenvolvimento, maior a preocupação relativa a problemas

familiares e preocupações escolares, assim como maiores as preocupações gerais relativamente à criança. Sheldrick e cols. (2012) associam factores de idade (i.e., idade mais elevada) e de género (pertença ao sexo masculino) a uma maior preocupação parental, o que não se verificou nos grupos amostrais do presente estudo. Ainda neste âmbito, contrariamente aos dados encontrados por Restall e Borton (2009) num estudo acerca das preocupações parentais, os resultados do nosso estudo não evidenciaram que pais de rapazes apresentam significativamente mais preocupações com o desenvolvimento dos seus filhos comparativamente com pais de meninas.

Quanto aos estilos parentais, foram encontradas diferenças com relevância estatística entre a amostra de comunidade e de IPI global (com e sem atraso global de desenvolvimento) nos estilos permissivo e democrático, e na sua dimensão regulação, tal como na dimensão punição (pertencente ao estilo autoritário). Neste âmbito, os resultados indicaram uma maior prevalência do estilo permissivo e da punição por parte dos cuidadores de IPI global, comparativamente com os cuidadores da amostra de comunidade em que prevalece o estilo democrático e a regulação, o que corrobora a segunda hipótese formulada para este estudo. Assim, na nossa amostra, conclui-se que os cuidadores de IPI parecem recorrer maioritariamente a uma atitude que se aproxima do que Baumrind (1966) descreve como aceitação dos impulsos, acções e vontade da criança, não se opondo aos mesmos (estilo permissivo). A confirmar em estudos futuro, com uma amostra mais ampla, este facto poderá ser trabalhado no âmbito da IPI com a família, caso se trate de uma preocupação dos cuidadores, por forma a que estes sejam capazes de moldar o comportamento da criança e promover a sua auto-regulação.

Com base nos resultados observados, sugere-se que quanto mais permissivos são os cuidadores de IPI, mais optam pela hostilidade verbal e pelo estilo autoritário, e, concomitantemente, menos se preocupam com problemas familiares e preocupações escolares. Esta relação significativamente positiva entre os estilos permissivo e autoritário, nesta amostra, sugere a hipótese de se tratar de inconsistência parental, onde por vezes se denota um dos estilos e noutras ocasiões se verifica o outro estilo parental. Esta situação pode dever-se a uma excessiva permissividade que,

ao não controlar o comportamento da criança, leva a que o cuidador tenha de optar por atitudes mais autoritárias, por forma a dominar a situação. A inconsistência parental (ou padrão inconsistente) é, então, um misto entre o estilo permissivo e o autoritário (Dwairy, 2007) e considera-se um importante factor no risco de psicopatologia (Dwairy, 2007; 2010). Esta situação pode confundir a criança, prejudicando os seus processos de aprendizagem e de socialização (Wenar, 1994). Considerando esta amostra específica, e tendo em conta que as escalas foram preenchidas por uma só pessoa, ou por duas pessoas simultaneamente e concordantemente, não se coloca a hipótese de existência de inconsistência entre dois cuidadores, suspeitando-se então de inconsistência nas práticas parentais no(s) próprio(s) cuidador(es). A inconsistência parental deverá ser controlada e evitada nos meios em que a criança se desenvolve, nomeadamente em casa e na creche/jardim-de-infância, por forma a possibilitar a existência de consistência entre todos os cuidadores. (Dwairy, 2007). Considerando três tipos de inconsistência: situacional, entre pai-mãe, e temporal, a última é considerada a mais imprevisível para a criança, criando na criança uma maior vulnerabilidade, sentimentos ambivalente e de tratamento injustiça (Dwairy, 2010). Assim, conhecer os estilos parentais permite informar os cuidadores acerca das razões pelas quais a utilização excessiva de estilos parentais não eficazes (e.g. ser demasiado permissivo) está relacionada com altos níveis de problemas comportamentais nas crianças. Desta forma a intervenção será mais eficaz, considerando que os pais/cuidadores terão conhecimento acerca das abordagens menos eficazes e poderão optar por estratégias adaptativas na promoção de um desenvolvimento optimal (Rinaldi & Howe, 2012).

É ainda de referir que os resultados não evidenciam uma influência da idade dos cuidadores nos estilos e preocupações parentais.

Quanto às diferenças nos estilos parentais, de acordo com o género da criança, apenas se verificaram diferenças por parte dos cuidadores de IPI, em que prevalece o estilo permissivo em crianças pertencentes ao género feminino. Não se verificaram diferenças de género no que respeita às preocupações parentais.

A terceira hipótese deste estudo, relativa à escolaridade dos pais, é

confirmada no grupo de IPI, no sentido em que quanto maior a escolaridade do pai, menor a utilização de práticas autoritárias, nomeadamente a punição e a hostilidade verbal. Ainda neste grupo, escolaridade mais elevada da mãe está também associada a menor punição. Conclui-se, portanto, que pais com habilitações académicas mais elevadas optam por estratégias e práticas parentais menos autoritárias, promovendo uma relação mais compreensiva com a criança.

Restall e Borton (2009) esclarecem a importância do conhecimento das percepções dos cuidadores, o qual permite contribuir para a construção da confiança e para a identificação de crianças que possam estar em risco devido a um desenvolvimento pobre. Estes pais necessitam de recursos, apoio e suporte para que possam conhecer e usufruir dos serviços da IPI e outros serviços sociais e educacionais (Restall & Borton, 2009). Modificar o comportamento dos pais pode, em alguns casos, facilitar a diminuição da lacuna existente entre o desenvolvimento da criança e o desenvolvimento “normal”. Um estilo parental bem estruturado, assim como boas actividades educativas contribuem para o sucesso da criança ao longo da vida (Ermisch, 2008).

A quarta e última hipótese definida no início deste estudo é comprovada no grupo de IPI em que tanto o estilo permissivo como a punição se relacionam negativamente com as preocupações relativas a problemas familiares e preocupações escolares.

No âmbito da intervenção precoce, aquando do primeiro contacto com a família, são recolhidas as preocupações dos cuidadores e as expectativas relativamente à intervenção. A clarificação das expectativas dos pais permite que estas se tenham em conta nos objectivos da intervenção (Simeonsson, et al., 1996). Da mesma forma, seria interessante que se fizesse um levantamento das práticas parentais, utilizando uma escala de auto-resposta, como por exemplo o Questionário de Estilos e Dimensões Parentais. O técnico de IPI poderia colaborar no preenchimento, esclarecendo eventuais dúvidas dos cuidadores relativas às questões. Desta forma, a intervenção seria planificada tendo em conta os estilos parentais dos cuidadores, de maneira a intervir nas situações necessárias e colaborar na alteração das práticas parentais, caso se justificasse.

Seria interessante e relevante que se realizassem estudos futuros analisando as variáveis “estatuto socioeconómico”, “estado civil dos pais”, “número de filhos” e “com quem vive a criança”. Relativamente ao estado civil dos pais, no caso de divórcio, seria interessante perceber com quem vive a criança. Quanto ao número de filhos/crianças no núcleo familiar, seria interessante avaliar a ordem de nascimento do filho com problemas de desenvolvimento (averiguando se existe relação com a mesma), se existem mais crianças no núcleo com problemas de desenvolvimento e se os pais diferenciam o estilo parental entre filhos. Todas análises seriam uma mais-valia no âmbito do conhecimento da parentalidade, para uma maior promoção das boas práticas em IPI.

VI - Conclusões

Segundo McWilliam (2010), a IPI promove o bom desenvolvimento da criança, acompanhando e dando suporte a toda a família e cuidadores envolvidos. Desta forma, pode melhorar o desempenho escolar, o comportamento adaptativo (que traz benefícios sociais e vocacionais), melhorar os cuidados diários (melhora a gestão da alimentação, da interação e do comportamento) e o funcionamento familiar (melhora a forma como as famílias se adaptam à criança e seguem os seus interesses). Por este motivo, o estudo da parentalidade, envolvendo os cuidadores essenciais à intervenção, poderá contribuir para compreender as implicações dos estilos e preocupações parentais nas rotinas das famílias acompanhadas pela IPI. Dyches, Smith, Korth, Roper, e Mandelco (2012) definem a parentalidade positiva como “parentalidade que é democrática (...) ou que inclui características de parentalidade democrática” (p.2214), caracterizando-a como promotora de efeitos benéficos no desenvolvimento funcional da criança com problemas de desenvolvimento. Os autores concluíram (num estudo de 2012) que, no geral, não existem diferenças neste âmbito, independentemente do tipo de problema da criança. É então importante que se faça uma recolha destas práticas, uma vez que os seus efeitos se prolongam no tempo, sendo “mais preditivas de respostas futuras

da criança, do que de respostas imediatas” (Dyches et al., 2012, p.2218).

Através da presente investigação, considera-se, então, ser possível retirar algumas conclusões de interesse, quer a nível teórico, quer do ponto de vista prático. Os cuidadores de crianças em IPI revelaram uma maior tendência para a utilização do estilo parental permissivo, assim como a utilização da punição. Neste grupo, os cuidadores são tanto mais autoritários quanto permissivos, passando-se o mesmo relativamente à recorrência à hostilidade verbal. Os resultados indicam que quanto maior a idade da criança, maior a regulação por parte dos cuidadores. Foi ainda revelado que quanto maior a escolaridade da mãe, menor a punição. Já relativamente à escolaridade do pai, pode dizer-se quanto maiores são as habilitações académicas, menor é o recurso à punição, ao estilo autoritário e à hostilidade verbal. As preocupações parentais globais neste grupo são tanto maiores quanto maiores forem as preocupações relativas ao desenvolvimento infantil e aos problemas familiares e escolares.

A nível prático, no âmbito da IPI, seria útil a exploração destes dados, por forma proceder à sua utilização no sentido de favorecer uma intervenção mais eficaz e próxima dos cuidadores

Bibliografia

- Algarvio, S., Leal, I., & Maroco, J. (2010). Escala de Preocupações Parentais (EPP). In Leal, I. & Maroco, J. *Avaliação em Sexualidade e Parentalidade* (pp.131-147). Porto: Livpsic.
- Barroso, R. G. & Machado, C. (2010). Definições, dimensões e determinantes da parentalidade. *Psychologica*, 52 (1), 211-229.
- Baumrind, D. (1966). Effects of Authoritative Parental Control in Child Behavior. *Child Development*, 37 (4), 887-907.
- Baumrind, D., & Black, A. E. (1967). Socialization practices associated with dimensions of competence in preschool boys and girls. *Child Development*, 38 (2), 291-327.
- Baumrind, D. (1971). Current patterns of parental authority. *Developmental Psychology Monographs* 4(1): Pt.2.
- Baumrind, D. (1996). The discipline controversy revisited. *Family Relations*, 45 (4), 405-414.
- Baumrind, D. (2012). Differentiating between Confrontive and Coercive Kinds of Parental Power-Assertive Disciplinary Practices. *Human Development*, 55, 35-51.
- Bayle, F., & Martinet, S. (2008). *Perturbações da Parentalidade*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Belsky, J. (1984). The Determinants of Parenting: A Process Model. *Child Development*, 55, 83-96.
- Belsky, J., Lerner, R. M., & Spanier, G. B. (1984). *The child in the family*. New York: McGraw-Hill.
- Belsky, J. (1993). Etiology of Child Maltreatment: A Developmental-Ecological Analysis. *Psychological Bulletin*, 11 (3), 413-434.
- Belsky, J., & Jaffee, S. R. (2006). The Multiple Determinants of Parenting. In Cicchetti, D. & Cohen, D. (Eds.), *Developmental Psychopathology: Risk, disorder and adaptation* (pp.38-85). New York: John Wiley & Sons.
- Belsky, J., Bell, B., Bradley, R. H., Stallard, N., & Stewart-Brown, S. L. (2006). Socioeconomic risk, parenting during the preschool years and Estilos e Preocupações Parentais: estudo numa amostra de cuidadores de crianças em Intervenção Precoce na Infância
Nádia Costa (e-mail:nadia.srcosta@gmail.com) 2013

- child health age 6 years. *European Journal of Public Health*, 17 (5), 508–513.
- Berger, E. H. (2000). *Parents as Partners in Education: families and schools working together* (5th Ed.). New Jersey: Prentice-Hall, Inc.
- Blanchard, L. T., Gurka, M. J., & Blackman, J. A. (2006). Emotional, Developmental, and Behavioral Health of American Children and Their Families: A Report From the 2003 National Survey of Children's Health. *Pediatrics*;117; e1202-e1212.
- Borkowski, J. G., Ramey, S. L., & Bristol-Power, M. (2002). *Parenting and the Child's World: Influences on Academic, Intellectual and Social-Emotional Development*. London: Lawrence Erlbaum Associates Publishers.
- Bornstein, M. H. (2002). Series Foreword. In Borkowski, J. G., Ramey, S. L. and Bristol-Power, M. (Eds), *Parenting and the Child's World: Influences on Academic, Intellectual and Social-Emotional Development* (pp. ix-xi) London: Lawrence Erlbaum Associates Publishers.
- Brown, M.A., McIntyre, L., Crnic, K. A., Baker, B. L., & Blacher, J. (2011). Preschool Children With and Without Developmental Delay: Risk, Parenting, and Child Demandingness. *Journal of Mental Health Research in Intellectual Disabilities*, 4, 206-226.
- Castro, S. (2012). Preocupações Parentais na Parentalidade Genérica: desenvolvimento de uma escala de avaliação de preocupações parentais . ISPA, Lisboa, Portugal.
- Chao, R. K. (1994). Beyond parental control and authoritarian parenting style: Understanding Chinese parenting through the cultural notion of training. *Child Development*, 65, 1111-1119.
- Cowan, P. A., & Cowan, C. P. (2002). Interventions as tests of family systems theories: Marital and family relationships in children's development and psychopathology. *Development and Psychopathology. Special Issue on Interventions as Tests of Theories*, 14, 731-760.
- Dwairy, M. (2007). Parental Inconsistency Versus Parental Authoritarianism: Associations with Symptoms of Psychological
- Estilos e Preocupações Parentais: estudo numa amostra de cuidadores de crianças em Intervenção Precoce na Infância
Nádia Costa (e-mail:nadia.srcosta@gmail.com) 2013

- Disorders. *Journal of Youth and Adolescence*, 37, 616–626.
- Dwairy, M. (2010). Parental Inconsistency: A Third Cross-Cultural Research on Parenting and Psychological Adjustment of Children. *Journal of Child and Family Studies*, 19, 23–29.
- Dyches, T. T., Smith, T. B., Korth, B. B., Roper, S. O., & Mandlco, B. (2012). Positive parenting of Children with developmental disabilities: A meta-analysis. *Research in Developmental Disabilities*, 33, 2213-2220.
- Ermisch, J. (2008). Origins of social immobility and inequality: parenting and early childhood development. *National Institute Economic Review*, 205, 62-71.
- Heiser, A., Curcin, O., Luhr, C., Grimmer, I., Metze, B. & Obladen, M. (2000). Parental and professional agreement in developmental assessment of very-low-birthweight and term infants. *Developmental Medicine & Child Neurology*, 42, 21-24.
- Hoghugh, M. (2004). Parenting – An Introduction. In Hoghugh, M. and Long, N.(Eds.)(2004). *Handbook of Parenting, Theory and Research for Practice* (pp.1-18). London: SAGE Publications Ltd.
- Lamborn, S. D., Mounts, N. S., Steinberg, L., & Dornbusch, S. M. (1991). Patterns of competence and adjustment among adolescents from authoritative, authoritarian, indulgent, and neglectful families. *Child Development*, 62, 1049-1065.
- Lampard, A., Byrne, S., Zubrick, S., & Davis, E. (2008). Parents' concern about their children's weight. *International Journal of Pediatric Obesity*, 3(2), 84-92.
- Maccoby, E. E. (2002). Parenting Effects: Issues and Controversies. In Borkowski, J. G., Ramey, S. L. and Bristol-Power, M. (Eds), *Parenting and the Child's World: Influences on Academic, Intellectual and Social-Emotional Development* (pp.35-46) London: Lawrence Erlbaum Associates Publishers.
- Maccoby, E. E., & Martin, J. A. (1983). Socialization in the context of the family: Parent-child interaction. In *Handbook of child psychology* (Vol. 4, pp. 1-101), Mussen P. H. (Ed.). New York: Wiley.
- Maccoby, E. E. (2000). Parenting and its effects on children: On reading and Estilos e Preocupações Parentais: estudo numa amostra de cuidadores de crianças em Intervenção Precoce na Infância
Nádia Costa (e-mail:nadia.srcosta@gmail.com) 2013

- misreading behavior genetics. *Annual Review of Psychology*, 51, 1-27.
- McWilliam, R. A. (2010). *Routines-Based Early Intervention, supporting young children and their families*. Maryland: Paul H. Brookes Publishing Co.
- Miguel, I., Pires Valentim, J., & Carugati, F. (2009). Questionário de Estilos e Dimensões Parentais – Versão Reduzida: Adaptação portuguesa do *Parenting Styles and Dimensions Questionnaire - Short Form*. *Psychologica*, 51, 169-188.
- Pestana, M., & Gageiro, J. (2005). *Análise de Dados para Ciências Sociais - A Complementaridade do SPSS* (4ª Edição ed.). Lisboa: Edições Sílabo.
- Parker, S. J. & Zuckerman (1990). Therapeutic aspects of the assessment process. In Meisels and Shonkoff (Ed.), *Handbook of Early Childhood Intervention* (pp. 350-369). New York: Cambridge University Press.
- Ramey, S. L. (2002). The Science and Art of Parenting. In Borkowski, J. G., Ramey, S. L. and Bristol-Power, M. (Eds), *Parenting and the Child's World: Influences on Academic, Intellectual and Social-Emotional Development* (pp. 47-71) London: Lawrence Erlbaum Associates Publishers.
- Restall, G. & Borton, B. (2009). Parents' concerns about their children's development at school entry. *Child: care, health and development*, 36 (2), 208-215.
- Rinaldi, C. M. & Howe, N. (2012). Mother's and father's parenting styles and associations with toddlers' externalizing, internalizing, and adaptive behaviors. *Early Childhood Research Quarterly*, 27, 266-273.
- Scarborough, A. A., Hebbeler, K. M., Spiker, D., & Simeonsson, R. J. (2006). Dimensions of behavior of toddlers entering early intervention: Child and family correlates. *Infant Behavior & Development*, 30, 466-478.
- Sears, R. R., Maccoby, E. E., & Levin, H. (1957). *Patterns of child rearing*. Evanston, IL.: Row, Peterson.
- Simeonsson, R. J., Huntington, G., McMillen, J., Halperin, D., Zipper, I. N. Leskinen, M. & Langmeyer, D. (1996). Services for young children
- Estilos e Preocupações Parentais: estudo numa amostra de cuidadores de crianças em Intervenção Precoce na Infância
Nádia Costa (e-mail:nadia.srcosta@gmail.com) 2013

- and families: Evaluating intervention cycles. *Infants and Young Children*, 9 (2), 31-42.
- Sheldrick, R. C., Neger, E. N., & Perrin, E. C. (2012). Concerns about development, behavior & learning among parents seeking pediatric care. *Journal of Developmental & Behavioral Pediatrics*; 33(2): 156–160.
- SNIPI (2009). Critérios de Elegibilidade. Acedido a 10 de Outubro de 2012, em:<http://www.dgs.pt/wwwbase/wwwinclude/ficheiro.aspx?tipo=0&mid=5005&id=16800&ambiente=WebSiteMenu>
- Steinberg, L., Lamborn, S., Darling, N., Mounts, N., & Dornbusch, S. M. (1994). Over-time changes in adjustment and competence among adolescents from authoritative, authoritarian, indulgent, and neglectful families. *Child Development*, 65, 754-770.
- Wenar, C. (1994) *Developmental Psychopathology: From infancy through adolescence*. McGraw Hill, New York

Anexos

Anexo A – Consentimento Informado

Consentimento Informado para Participação num Projecto de
Investigação

Exmo.(a) Sr.(a),

O meu nome é Nádía Costa e encontro-me, orientada pela Professora Doutora Maria Teresa Sousa Machado, a realizar uma investigação no âmbito da minha tese de Mestrado em Psicologia da Educação, Desenvolvimento e Aconselhamento, da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.

A presente investigação visa estudar as preocupações /acções dos Pais relativamente à parentalidade.

Venho assim, solicitar a V. Ex.^a a sua participação na investigação que me proponho realizar. Para o efeito será necessário que responda a três instrumentos: 1) Escala de Preocupações Parentais (EPP); 2) Questionário de Estilos e Dimensões Parentais (QEDP) - versão reduzida; 3) Questionário sociodemográfico. O preenchimento dos referidos instrumentos será breve, requer aproximadamente, 30 minutos.

Informo, desde já, que o anonimato e a confidencialidade das respostas serão garantidos.

Para esclarecimentos adicionais, por favor não hesite em contactar:

Nádía Costa: nadia.srcosta@gmail.com, 917395863

Sem outro assunto de momento e com os meus melhores cumprimentos, agradeço desde já a atenção disponibilizada a esta questão.

Nádía Costa,

Eu, _____,
aceito/não aceito (riscar o que não interessa) participar na investigação
“Estilos e preocupações parentais em pais de crianças até aos 6 anos”.

O(A) Cuidador(a),

NOTA: Pede-se, por favor, a entrega deste destacável ao Responsável de Caso até ao dia _____

Anexo B – Questionário sociodemográfico

Quem responde ao questionário: Mãe ____ Pai ____ Ambos ____

Outro ____ Quem? _____

Data de Nascimento da Criança ____/____/____ Idade ____ anos

Sexo da Criança _____

Zona de Residência (Concelho): Mãe _____ Pai _____

Idade: Mãe ____ Pai _____

Nível de escolaridade:

Mãe:

- 1º ciclo
- 2º ciclo
- 3º ciclo
- Ensino Secundário
- Licenciatura
- Mestrado
- Doutoramento

Pai:

- 1º ciclo
- 2º ciclo
- 3º ciclo
- Ensino Secundário
- Licenciatura
- Mestrado
- Doutoramento

Profissão: Mãe _____

Pai _____

Todos os dados recolhidos são anónimos e confidenciais.

Obrigada pela sua colaboração,

Nádia Costa (Aluna do Mestrado Integrado em Psicologia)

nadia.srcosta@gmail.com; 917395863

Anexo C - Tabelas

Tabela i. Distribuição da amostra quanto ao concelho de residência

	Frequência	Percentagem %
Penacova	82	42,5
Coimbra	43	22,3
Figueira da Foz	20	10,4
Cantanhede	16	8,3
Poiares	7	3,6
Condeixa	7	3,6
Lousã	6	3,1
Montemor-o-Velho	4	2,1
Vagos	2	1
Mealhada	2	1
Mira	1	0,5
Penela	1	0,5
Soure	1	0,5
Miranda do Corvo	1	0,5

Tabela ii. Correlações amostra comunidade

		Pearson Correlation	Sig. (2-tailed)	N
Est. Permissivo	Coerção física	,436**	,000	97
	Hostilidade verbal	,441**	,000	97
	Punição	,415**	,000	97
	Estilo Democrático	-,222*	,029	97
	Estilo Autoritário	,526**	,000	97
Regulação	Estilo Permissivo	-,300**	,003	97
	Punição	-,222*	,029	97
	Apoio e afecto	,534**	,000	97
	Autonomia	,444**	,000	97
	Estilo Democrático	,848**	,000	97
	Estilo Autoritário	-,245*	,016	97
Est. Autoritário	Estilo Permissivo	,526**	,000	97
	Coerção física	,889**	,000	97
	Hostilidade verbal	,809**	,000	97
	Punição	,751**	,000	97
	Apoio e afecto	-,259*	,011	97
	Autonomia	-,262**	,010	97
	Est. Democrático	-,322**	,001	97
Est. Democrático	Est. Permissivo	-,222*	,029	97
	Coerção física	-,220*	,030	97
	Hostilidade verbal	-,264**	,009	97
	Punição	-,319**	,001	97
	Apoio e afecto	,716**	,000	97

	Regulação	,848**	,000	97
	Autonomia	,783**	,000	97
	Est. Autoritário	-,322**	,001	97
Coerção física	Estilo Permissivo	,436**	,000	97
	Hostilidade verbal	,604**	,000	97
	Punição	,548**	,000	97
	Estilo Democrático	-,220*	,030	97
	Estilo Autoritário	,889**	,000	97
Host. verbal	Estilo Permissivo	,441**	,000	97
	Coerção física	,604**	,000	97
	Punição	,351**	,000	97
	Autonomia	-,250*	,014	97
	Estilo Democrático	-,264**	,009	97
	Estilo Autoritário	,809**	,000	97
Punição	Estilo Permissivo	,415**	,000	97
	Coerção física	,548**	,000	97
	Hostilidade verbal	,351**	,000	97
	Apoio e afecto	-,273**	,007	97
	Regulação	-,222*	,029	97
	Autonomia	-,266**	,008	97
	Estilo Democrático	-,319**	,001	97
	Estilo Autoritário	,751**	,000	97
Apoio e afecto	Punição	-,273**	,007	97
	Regulação	,534**	,000	97
	Autonomia	,305**	,002	97
	Estilo Democrático	,716**	,000	97
	Estilo Autoritário	-,259*	,011	97
Autonomia	Hostilidade verbal	-,250*	,014	97
	Punição	-,266**	,008	97
	Apoio e afecto	,305**	,002	97
	Regulação	,444**	,000	97
	Estilo Democrático	,783**	,000	97
	Estilo Autoritário	-,262**	,010	97
Total Preoc. Parentais	Preoc. Prob. Fam.e	,877**	,000	97
	Preoc. Esc			
	Preoc. Desenv. Infantil	,875**	,000	97
Pre. Prob. Fam. e Preo. Esc	Total preoc. Parentais	,877**	,000	97
	Preoc. Desenv. Infantil	,689**	,000	97
Pre. Desenv. Infantil	Total preoc. Parentais	,875**	,000	97
	Preoc. Prob. Fam.e	,689**	,000	97
	Preoc. Esc			

Escolar. mãe	Regulação	,270**	,008	96
	Autonomia	,218*	,033	96
	Est. Democrático	,227*	,026	96
	Est. Autoritário	-,360**	,000	96
	Est. Permissivo	-,314**	,002	96
	Coerção física	-,383**	,000	96
	Hostilidade verbal	-,203*	,048	96
	Punição	-,296**	,003	96
Escolaridade pai	,466**	,000	93	
Escolar. pai	Apoio e Afecto	-,225*	,030	93

*Correlation is significant at the 0.05 level (2-tailed).

**Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

Tabela iii. Correlações amostra IPI global

		Pearson Correlation	Sig. (2-tailed)	N
Idade criança	Regulação	,258*	,011	96
Apoio e Afecto	Regulação	,545**	,000	96
	Autonomia	,470**	,000	96
	Est. Democrático	,762**	,000	96
Autonomia	Regulação	,555**	,000	96
Est. Democrático	Regulação	,871**	,000	96
	Autonomia	,836**	,000	96
Est. Autoritário	Permissivo	,334**	,001	96
	Coerção física	,815**	,000	96
	Hostilidade verbal	,856**	,000	96
	Punição	,871**	,000	96
	Preoc. Prob. Fam. e Preoc. Esc.	,222*	,030	96
Est. Permissivo	Hostilidade verbal	,310**	,002	96
	Preoc. Prob. Fam. e Preoc. Esc.	,383**	,000	96
	Coerção física	Hostilidade verbal	,504**	,000
	Punição	,546**	,000	96
	Hostilidade	Punição	,681**	,000
Preoc. Prob. Fam. e Preoc. Esc.		,204*	,046	96
Preoc. Prob. Fam. e Preoc. Esc.		Punição	,247*	,015
	Preoc. Desenv. Infantil	,640**	,000	96
Total EPP	Preoc. Prob. Fam. e Preoc. Esc.	,827**	,000	96
	Preoc. Desenv.	,843**	,000	96

Infantil				
Escolar. mãe	Punição	-,227**	,029	92
Escolar. Pai	Punição	-,262*	,014	88
	Est.Autoritário	-,246*	,021	88
	Hostilidade verbal	-,226*	,034	88
	Escolar. mãe	,510**	,000	88

*Correlation is significant at the 0.05 level (2-tailed).

**Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).